

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ

CURSO DE PEDAGOGIA

ELMAR OLIVEIRA DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E ACADÊMICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA
MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Imperatriz

2024

ELMAR OLIVEIRA DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E ACADÊMICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA
MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Memorial de Formação apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Kessia Mileny de Paulo Moura

Imperatriz

2024

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E ACADÊMICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

Memorial de formação apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCIM, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Késsia Mileny de Paulo Moura

Data da defesa: _____

Banca:

Profa. Dr^a Késsia Mileny de Paulo Moura
(Orientadora)

(Membro 1)

(Membro 2)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Elmar Oliveira da.

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E ACADÊMICAS E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE / Elmar Oliveira
da Silva. - 2024.
43 p.

Orientador(a): Kessia Mileny de Paulo Moura.
Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2024.

1. Memorial. 2. Educação Básica. 3. Estágio. 4.
Docência. 5. Pedagogia. I. Moura, Kessia Mileny de
Paulo. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço primeiramente, pela vida e a oportunidade de ingressar e permanecer até a conclusão do curso superior. Creio que Ele me ajudou nos momentos em que eu estava me achando incapaz e quase desistindo do curso. E, no final do curso desanimei completamente, mas, resolvi pedi-Lhe ajuda, então, o ânimo voltou e pude continuar a escrita do Memorial de Formação.

Agradeço aos meus pais, Antonio Ribeiro da Silva e Maria Oliveira da Silva, pela criação e educação que me proporcionaram. Meus pais são pessoas simples, pais de oito filhos (dois *in memorian*), não conseguiram formar os filhos, sou o primeiro e provavelmente serei o único a se formar em um curso superior. Mas, sou muito grato a eles, não escolheria outros pais se eu pudesse.

À minha esposa Luciane da Costa Sousa Oliveira que foi a pessoa que apoiou, incentivou e me ajudou neste projeto de vida. Enfrentou junto a mim, dificuldade financeira, estresse meu (risos), meu desânimo. Mas, sempre crendo que eu ia conseguir. Essa vitória é dela também.

Aos meus colegas de curso, que compartilhamos conhecimentos, nos ajudamos nos trabalhos, seminários, atividades coletivas, PIBID, Estágios, TCC. As minhas colegas Adriana Silva a qual com seu humor dramático, sempre suavizava os desafios enfrentados durante o período de escrita do TCC, no qual compartilhamos nossa ansiedade e desafios enfrentados; à Maiara, que fizemos dupla no PIBID; à Welen, com a qual fiz dupla no Estágio de Educação Infantil. E a todos os demais colegas da turma.

Aos meus professores do curso de Pedagogia da UFMA – CCIM que se empenharam em compartilhar conhecimento e experiências. E, pela compreensão nas horas de dificuldades que passei, especialmente por residir em outro município.

À minha orientadora Kessia Mileny de Paulo Moura que sem ela eu não teria conseguido elaborar esse trabalho de grande magnitude para mim. Que Deus a recompense grandemente pela sua grande ajuda.

RESUMO

O presente memorial de formação é requisito parcial para obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências de Imperatriz – UFMA/CCIM. O objetivo é relatar e refletir sobre a trajetória escolar e acadêmica do discente Elmar Oliveira da Silva, sobre eventos ocorridos durante a Educação Básica, e as atividades desenvolvidas durante os Estágios em Educação Infantil e Anos Finais. Fundamenta-se por meio de autores como Passeggi (2011), Marconi e Lakatos (2003) e Freire (1994; 1996; 2013), e de documentos que regem a educação no Brasil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se da autobiografia como técnica e instrumento de geração de dados. Como resultado desse exercício de relatar e refletir conclui-se que os desafios vividos fazem parte da construção e forma como enxerga-se e concebe hoje à docência.

Palavras-chave: Memorial. Educação Básica. Estágio. Docência. Pedagogia.

ABSTRACT

This training memorial is a partial requirement for obtaining a degree in Pedagogy from the Federal University of Maranhão, from the Imperatriz Science Center – UFMA/CCIM. The objective is to report and reflect on the school and academic trajectory of student Elmar Oliveira da Silva, on events that occurred during Basic Education, and the activities developed during Internships in Early Childhood Education and Final Years. It is based on authors such as Passeggi (2011), Marconi and Lakatos (2003) and Freire (1994; 1996; 2013), and documents that govern education in Brazil. This is a qualitative research, using autobiography as a data generation technique and instrument. As a result of this exercise of reporting and reflecting, it is concluded that the challenges experienced are part of the construction and way in which teaching is seen and conceived today.

Keywords: Memorial. Basic Education. Internship. Teaching. Pedagogy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Imperatividade
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
PNE	Plano Nacional de Educação
PCD	Pessoa com Deficiência
COVID	Corona Virus Disease

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 A JORNADA DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM PEQUENAS EXPERIÊNCIAS NA DOCÊNCIA	10
2.1 A jornada na educação básica com pequenas experiências na docência..	11
3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: A REALIDADE UNINDO TEORIA E PRÁTICA NO APRENDIZADO DA DOCÊNCIA	20
3.1 A realidade unindo teoria e prática no aprendizado da docência	20
4 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ANOS INICIAIS: DESAFIOS E VIVÊNCIAS EXPERIMENTADAS.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6 REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Este memorial de formação, com o título *EXPERIÊNCIAS ESCOLARES E ACADÊMICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE*, é um dos requisitos para a obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia, no qual será descrito, relatos e reflexões sobre a formação escolar e acadêmica.

O formato do TCC, em memorial de formação, que é o gênero de escrita onde são feitas narrativas da vida do autor, seja ela escolar, acadêmica, profissional. Resumindo: o memorial de formação é “uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões” conforme Prado; Soligo (2005, p. 61). Nesse formato houve uma maior identificação, unida à vontade de registrar experiências de minha trajetória educacional e acadêmica.

O objetivo desse memorial é relatar fatos e fazer reflexões desde a entrada na escola até a conclusão do Estágio em Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Universidade. Acontecimentos esses que foram determinantes para a escolha da docência, com relatos, críticas e reflexões sobre Educação Básica, dos Estágios em Educação Infantil e Anos Iniciais.

A escrita desse trabalho de monografia proporcionou a rememoração de fatos vividos com lições valiosas e muita pesquisa bibliográfica para fundamentá-lo. Dentro dessas memórias e pesquisas são recordados conhecimentos e aprendidos. Kenski (1996 p.106) quando analisa acontecimentos do passado chega a conclusão que o professor como profissional pode usar esses conhecimentos obtidos através de várias situações para melhorá-las no presente.

A docência não é uma profissão estática, é dinâmica, onde aprendemos e reaprendemos, reformulamos os saberes. Não se trata somente de possuir cursos e títulos, torna-se necessário a reflexão contínua sobre a prática pedagógica, como pontua Nóvoa (1995, p. 26) “A formação não se constrói por acumulação [...] mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal.”

A organização deste texto é composta pela introdução, três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo escrevo a minha jornada na educação

básica, refletindo criticamente sobre o contexto educacional, como no caso de uma experiência minha no Ensino Fundamental Anos Iniciais que menciono, relativa a educar meus vizinhos, que agora compreendo e até agiria de outra forma no presente. Na época, por ocasião da emergência de algumas dificuldades deixei de dar aulas a eles. Se fosse hoje, eu procuraria meios de enfrentar a situação e alfabetizá-los.

No segundo capítulo, trago primeiro uma breve fundamentação teórica sobre o reconhecimento da criança como sujeito em desenvolvimento. Comento aprendizados adquiridos em duas disciplinas cursadas: Metodologia da Educação Infantil, Corporeidade e Educação e, suas relevâncias na realização do Estágio em Educação Infantil. Descrevo o espaço físico da Escola em Educação Infantil (EMEI) e sua adaptação às crianças. Relato e reflito nas atividades e aprendizados no período diagnóstico e na regência das aulas.

O terceiro capítulo refere-se ao Estágio Supervisionado em Anos Iniciais. Aqui são abordados desafios e experiências vividas durante os períodos de observação e regência, nos quais são comentados: a menor participação de professores homens na docência da Educação Básica, a preparação de aulas de acordo com a BNCC, atuação do estagiário na regência das aulas. Além disso, relato uma experiência com uma criança com Transtorno Opositor Desafiador (TOD). E por último as considerações finais.

O uso de memórias como fonte de registro sobre os fatos narrados e reflexão sobre o tempo e o contexto em que foram vivenciados foi usado como método de escrita deste trabalho. Portanto, a relevância do memorial de formação é abordar a pesquisa autobiográfica como fonte para sua composição, que no dizer de Abrahão (2004, p. 202), “é uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais. A memória é elemento chave do trabalho com pesquisa (auto) biográfica”. Todo esse trabalho de organizar e dar forma ao texto (auto) biográfico corrobora com o que afirma Finger (1986, p. 125) “a narrativa da própria história traz uma reflexão pessoal delas, fazendo com que as sensações, vivências e experiências, gere uma consciência refletida”, neste caso sobre a profissão docente. Vamos às experiências rememoradas!

2 A JORNADA DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM PEQUENAS EXPERIÊNCIAS NA DOCÊNCIA

Neste capítulo discorrerei sobre minha vida escolar desde o primeiro ano escolar até a conclusão do Ensino Médio. Irei revisitar esses momentos de minha história escolar através da memória, narrando e refletindo sobre experiências na aprendizagem e no convívio com pessoas que fizeram parte dessas fases tão fundamentais na minha trajetória de formação educacional.

As emoções invadem o meu coração quando (re)vivo agora vários momentos do meu passado, trazendo à memória tantas lembranças, procurando ser preciso e verdadeiro em minha escrita. Não me esqueço de refletir com a compreensão do presente que o tempo e as circunstâncias me modelaram. Freire, falou sobre isso, quando disse:

[...] para escrever [...] devo ser tão leal ao que vivi quanto leal devo ser ao tempo histórico em que escrevo sobre o vivido. É que, enquanto escrevemos, não nos podemos eximir à condição de seres históricos que somos. De seres inseridos nas tramas sociais de que participamos como objetos e sujeitos. Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, devo ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. (Freire, 1994 p. 17))

Além da fidelidade na narrativa das memórias escolares, devo descrever o tempo histórico em que vivi quando for preciso, para clarificar algumas explicações sobre o assunto abordado. Assim inicio. Já faz quase quarenta anos e muita coisa mudou daquela época até os dias atuais. Houve mudança em mim na forma de ver o mundo, moldado por minha experiência de vida. O meu olhar sobre as experiências durante a infância unidas aos aprendizados durante as disciplinas estudadas no curso, bem como a volta a escola durante os estágios supervisionados, me possibilitam uma visão ampliada de minha concepção sobre o funcionamento das instituições.

É o olhar crítico do entendimento sobre si e o que está em volta. É fazer uma autorreflexão sobre mim perpassando o contexto histórico-cultural. Sobre isso Passeggi (2011, p. 148), afirma que a cada versão da nossa história, “a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a

buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica”.

Escrever sobre mim, é um exercício nostálgico, lembranças de momentos que ainda estão vivos em memória, alguns deles, dá vontade de reviver; outros, de pô-los em esquecimento; e, ainda aqueles que se possível fosse os mudaria. No entanto, nesses três tipos de memória, procurarei ser o mais fiel possível aos relatos apresentados, demonstrando o meu ponto de vista atual sobre situações vividas com reflexões sobre elas. Segue relatos da história de minha vida escolar.

2.1 A trajetória escolar rememorada

Meu nome é Elmar Oliveira da Silva. Nasci no povoado Ribeirãozinho, (Governador Edison Lobão, desde 1996) município de Imperatriz, no Estado do Maranhão, no ano de 1977, sendo o quarto filho de um grupo de oito irmãos. Meus pais tiveram pouca instrução e queriam que os filhos estudassem até onde suas condições alcançassem.

A minha história escolar começa aos sete anos de idade em 1985. Era nessa idade que meus pais matriculavam os filhos para iniciarem os estudos, pois, nessa época, por determinação de lei os pais “... eram obrigados a matricular seus filhos apenas no ensino fundamental aos 7 anos de idade...” segundo Pedrozo (2020, p. 433).

Comecei a estudar na Escola Municipal Antônio Rayol. A escola era composta por seis salas de aula, além dos departamentos básicos de instituição escolar para a época. No povoado só tinha mais uma instituição escolar, a Escola Municipal Simplício Moreira a qual era composta somente por duas salas de aula e demais departamentos.

Os espaços escolares já estavam ficando pequenos para o povoado, tanto que em minha escola, foi preciso formar uma turma extra com os alunos que estavam adiantados na leitura, cálculo e escrita, no contra turno. Eu fui um dos alunos contemplados a estudar nessa sala e horário por cumprir os requisitos para participação. Do pré I me promoveram à 1ª série, mas no ano seguinte não sei o motivo, fui matriculado no pré II.

Nesse tempo eu não sabia a profissão que eu pretendia exercer, eu só queria dedicar-me aos estudos, brincar na hora do recreio e degustar a merenda da escola. Eu gostava muito de ler os livros didáticos; não esperava o professor chegar ao conteúdo para dar a aula, lia, procurando saber o significado da leitura. Quando o professor trazia o assunto do livro clareava mais para mim, ficava mais fácil o entendimento por eu ter acessado o conteúdo com antecedência.

Hoje, eu lamento o método utilizado durante minha educação básica, o tradicional, porque a gente aprendia o que estava no livro, como o professor repassava e certamente, como ele havia aprendido. Nessa cultura mais centrada no professor, havia pouca ou quase nenhuma liberdade de refletir sobre o assunto abordado em aula. Paulo Freire reflete sobre a situação do professor e, conseqüentemente, do aluno nesse contexto:

A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosa que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. (Freire, 2013, p. 6)

O que eu via, na maioria das vezes, era o professor trazendo o conteúdo e explicando de acordo com a concepção que ele tinha aprendido. Geralmente, não havia diálogo sobre o assunto abordado, nem abertura para questionamentos ou opiniões dos alunos. Ainda assim, na época, eu acreditava que deveria ser desse modo, porque não possuía autoridade para trazer uma nova versão sobre o conhecimento do professor.

Não estou questionando os saberes estabelecidos pela ciência em suas diversas áreas, mas até mesmo as teorias científicas são passíveis de mudanças. Estou considerando a individualidade de cada pessoa, pois cada um tem (ou deveria ter) sua forma própria de aquisição do conhecimento e de ver o mundo.

Na 1ª série a professora Débora era bem atenciosa com os alunos, passava tarefa em sala e ia de carteira em carteira conferir se estávamos respondendo e ajudar os que tinham mais dificuldade. Ela já tinha uns cinquenta anos, eu gostava muito do jeito que ela ensinava, dispensando cuidado, atenção e preocupação com o nosso aprendizado.

Era muito bom me sentir apoiado e incentivado pela professora Débora, ela serve de inspiração à carreira docente. Quando a criança tem interesse de avançar em seu aprendizado e encontra incentivo do professor, paciente e compreensivo, que o apoia, o ajuda e lhe dá suporte, se torna mais fácil e prazerosa a busca e conquista ao conhecimento.

A afetividade é muito importante para a boa relação da criança com o professor, pois, assim como o convívio em casa já criou raízes de confiança e afeto com a família e tem uma rotina específica com pessoas que cuidam e educam, também na escola é preciso ter esse cuidado para que a criança sinta-se acolhida, protegida e entenda que faz parte do grupo. Eugênio Cunha, em seu livro “Afeto e aprendizagem”, reforça essa afirmação: “As emoções são importantes para a saúde psíquica. Somos um ser social e afetivo. Afetivo, principalmente, porque nos relacionamos uns com os outros”. (Cunha, 2017 p. 33).

Em 1989, foi inaugurada uma escola próxima à minha residência e passei a fazer parte dela. Nesse momento eu cursava a 3ª série e me apeguei bastante à professora e ao estilo dela dar aula. Era muito comunicativa, explicava o conteúdo de fácil entendimento para mim. Ela confiava em mim, e passou a deixar-me responsável pela turma quando começou a fazer um curso, à tarde, em Imperatriz. O horário de nossas aulas era pela manhã, então, ela saía meia hora antes do término do horário das aulas e deixava a tarefa de casa para eu passar para a turma.

Era para mim uma tarefa complicada, porque eu tinha onze anos de idade e aparentava menos, era inexperiente. Portanto, foi uma experiência nova como “professor” para uma turma com cerca de trinta alunos, que bagunçava bastante depois que a professora deixava a sala. Isso serviu de lição para mim e me ensinou que é difícil e de muita responsabilidade o papel do professor é preciso ter muita paciência e habilidades e, principalmente, autoridade para lidar com uma sala cheia de adolescentes, requisitos que eu não possuía.

Certamente, nessa parte que a professora deixou-me responsável pela turma e por repassar-lhes o dever de casa, hoje eu reconheço que houve uma falha por parte dela, tanto que, pouco tempo depois, ela teve que ser substituída. Mas, reconheço que eu, mesmo envergonhado, tímido, sentia-me privilegiado por ter esse

destaque e ser digno da confiança dela. Talvez se eu tivesse valorizado mais a oportunidade que ela me deu, teria seguido a carreira de professor antes.

Na 4ª série, em 1990, tive uma professora que marcou bastante a minha formação, ela tratava todos bem e buscava seguir as normas da escola e das disciplinas à risca. Se ela tinha aluno predileto, não demonstrava, não tolerava brincadeiras fora de hora, passava o conteúdo no quadro negro, especialmente as atividades, procurava sempre cumprir os horários de cada disciplina. Ela constantemente demonstrava alegria e entusiasmo na utilização do método de ensino tradicional, o qual, não tirava-lhe sua competência em exercê-lo.

Naquele mesmo ano tive outra rápida experiência com a docência. A vizinha da casa dos meus pais tinha dois filhos: um da mesma idade minha e, outro dois anos mais velho. Ela era viúva e, juntos com eles trabalhava em hortas de tomate e de melancia. Ela insistiu para que eu os alfabetizasse, então, eu aceitei. Determinamos os horários e eu comecei a ensiná-los as letras, os números e as operações matemáticas. No entanto, eles faziam muita brincadeira e não me respeitavam, por isso não deu para continuar com as aulas.

Hoje, trazendo essa experiência à memória consigo buscar elementos que poderiam me ajudar a lidar com a situação e possivelmente revertê-la. Conversar com meus “alunos” explicando-lhes a importância da alfabetização/letramento, dizer-lhes que se mãe deles insistiu em que eu lhes alfabetizassem é porque ela sabia a dificuldade financeira que ela passava por ser analfabeta e não queria isso para eles. Ela acreditava que a formação escolar facilitaria, entre outras coisas, uma melhora econômica para eles.

A ideia de que a educação produz riqueza se fundamenta nos pressupostos da teoria do capital humano (TCH), a qual estabelece que a educação traz como efeito a aquisição de conhecimentos e habilidades, a quem estuda, fatores tais que melhoram as oportunidades profissionais e sociais da pessoa, o que resulta, por exemplo, em maior nível de produtividade e, portanto, em uma maior geração de riquezas. (Silva; Cavalcante, 2018 p. 2)

Além de alfabetizá-los, os ensinaria sobre a realidade histórico-social e os aconselharia a respeito do papel fundamental da educação para formação da pessoa e a realização profissional, uma educação que contribuiria para uma vida mais digna, que fornecesse uma melhor compreensão de mundo. E,

consequentemente, concebida por eles essa compreensão, poderia leva-los a gostarem de estudar a cada descoberta de novas palavras, a cada acerto de cálculos. Enfim, pela compreensão de ensino/aprendizagem que hoje possuo as conquistas deles, seriam minhas conquistas também.

Nesse período, eu não sabia o quão complexo é a docência. Quando pensava em ensinar, eu lembrava primeiro dos materiais: lápis, caneta, caderno, tabuada, ABC, cartilha. O método que eu usava (ou tentava usar) era o método tradicional, no qual se ensina o nome e a escrita das letras até se formarem palavras completas, ou seja, o método tradicional de ensino. Esse método faz com que o aprendizado aconteça por meio da “repetição de exercícios de memorização, levando o aluno a decorar e não aprender, como consequência a escola forma alunos desinteressados e desmotivados pelos estudos” Pereira et al (2013 p. 5).

Agora, por meio dos aprendizados no curso, dentre outros saberes, vejo a necessidade de aprender para ensinar, não posso ensinar o que não aprendi. Além disso, é preciso preparar, organizar os saberes, saber quem eu vou ensinar e através do contato com o aluno avaliar em que estágio ele se encontra em seu aprendizado e ajuda-lo a avançar. Para Góes et al (2015):

Uma boa aula deve começar pelo seu planejamento. No plano de aula devem estar previstos diversos aspectos. Pensar no que acontecerá é fundamental para criar um ambiente adequado para a construção do conhecimento pelos alunos, além de trazer maior segurança e domínio ao professor daquilo que será desenvolvido. (Góes et al, 2015 p. 4)

Ao ingressar no “Ginásio”, agora Ensino Fundamental anos finais, tiveram umas mudanças significativas. Mudei para o horário noturno, lembro que dava muito sono durante as aulas, às vezes, eu cochilava. Agora, a sirene não tocava somente na hora do recreio, e, sim, ao termino de cada aula. E, cada Disciplina, era dada por um professor diferente. Lembro-me que agora, tínhamos aulas com professores homens, diferente do Ensino Fundamental anos iniciais (primário), onde só tive aulas com professoras.

O professor de matemática chegava na sala unicamente com giz e apagador nas mãos. Copiava parte do assunto no quadro-negro e ditava o restante. A professora de inglês que exercia o cargo de diretora da escola conseguia envolver a

turma na aula; ao terminar de escrevermos o texto do quadro, começávamos a repeti-lo após ela.

Cada professor tem seu estilo próprio de dar aula. Alguns marcam mais a nossa vida escolar. Na 5ª série, além da professora de inglês, a professora de Português, serve de referência para minha formação. Ela explicava o conteúdo, tirava dúvidas, era organizada e tinha sequência no repasse dos assuntos.

Apesar de o método deles ser mais tradicional, desempenhavam bem suas atividades na profissão docente, se considerarmos os diversos desafios a serem superados, como: baixos salários, salários atrasados, condições de trabalho que não favoreciam o exercício das funções. Mas, eles continuavam, tinham amor pela profissão docente.

Da 6ª série até a 8ª série, um desânimo tomou conta de mim. Acredito que tenha sido a adolescência porque é uma fase bem delicada. Por conta das mudanças no corpo atinge o psicológico junto. No meu caso, arrumei novas amizades de pessoas que não estudavam e/ou que não estavam interessados nos estudos. Elas contribuíram negativamente desmotivando-me nos estudos. Nessas três séries fiquei para recuperação, porém não reprovei.

No ano de 1994, concluí o Ensino Fundamental. O Ensino Médio (Segundo Grau) teve que ser adiado, pois não era ofertado em minha cidade e os recursos financeiros não davam para estudar em Imperatriz. Eu só trabalhava ajudando meu pai na roça, nas férias; eu também ajudava minha mãe em casa e não possuía renda.

Após o povoado Ribeirãozinho conquistar a emancipação à cidade de Governador Edison Lobão no ano de 1994 e a posse do prefeito e vereadores em janeiro de 1997, a administração municipal trouxe o Ensino Médio para o município. Foi formada, a princípio uma turma de 1ª série, para posteriormente, a 2ª e 3ª séries nos anos subsequentes. Essa instituição não tinha prédio próprio, funcionava no turno noturno na Escola Municipal Antônio Rayol, com o nome de Centro de Ensino de Segundo Grau Miguel Bandeira.

Posteriormente, o projeto de construir local de funcionamento para esse Colégio Estadual não foi levado adiante, pois uma ex-professora do município, que tinha uma escola particular, conseguiu junto ao governo do Estado, a construção do colégio público estadual de Ensino Médio na cidade com o nome de Centro de Ensino Vicente Yáñez Pinzón.

Os meus professores do Ensino Médio no Centro de Ensino de Segundo Grau Miguel Bandeira, eram formados nas áreas do conhecimento das disciplinas que estavam sob suas responsabilidades. Todos moravam e trabalhavam em Imperatriz. Um dos professores era diretor de um colégio estadual em Imperatriz e duas das professoras de outros Estados: uma baiana e outra paraibana.

Eu ingressei nessa turma e foi o começo de uma conquista (que teve que ser adiada três anos) o tão desejado Ensino Médio (Segundo Grau), pois eu não tinha condições financeiras de continuar os estudos em Imperatriz. Dentro de mim havia uma mistura de felicidade em finalmente continuar os estudos e, preocupação em não conseguir acompanhar os conteúdos, por ter passados esses anos sem estudar.

O medo de fracasso nos estudos foi superado; eu conseguia minhas notas aprovativas e a matemática, tão desafiadora nos anos finais do Ensino Fundamental, eu superei, alcançando até a nota máxima. Com determinação e dedicação eu colhia os frutos da oportunidade de levar adiante meus estudos.

Assim, os dois primeiros anos do Ensino Médio cursei em minha cidade, posteriormente, devido a questões financeiras, mudei-me para Goiânia, capital do estado de Goiás. Lá, a média era menor e os conteúdos mais difíceis. Conciliar trabalho e estudo era pesaroso para mim; eu trabalhava durante o dia e à noite estudava. Não deu para acompanhar os assuntos, ficando para recuperação em Matemática e Inglês no primeiro semestre, porém, no segundo semestre passei direto.

Durante minha trajetória na Educação Básica sempre combati a ideia de formar-me em uma licenciatura. Eu via as dificuldades da profissão, tanto no aspecto de organização como o preconceito por ser uma profissão composta mais por mulheres nas séries iniciais, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio Teixeira (Inep): “No ensino fundamental (1º ao 9º ano), as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docente” (BRASIL, 2023)

Quando terminei o Ensino Médio, eu fiz o curso de informática básica em 2001, depois, eu comecei um curso técnico em sistemas, mas desisti. Enfim, acho que eu desmotivava facilmente em conquistar uma melhor colocação profissional, onde, ter um maior grau de escolaridade conta muito.

Voltei ao Maranhão, no final de 2011, decidido a dar uma guinada em minha vida. Tentei tornar-me comerciante vendendo roupas, todavia, sem experiência nenhuma com a profissão, não obtive sucesso. Foi quando decidi acrescentar em meu currículo o curso técnico em segurança no trabalho. O período foi 2012/2013, porém, não cheguei a exercer a profissão. Eu queria ter uma formação acima do Ensino Médio de rápida formação e que me proporcionasse uma melhor colocação no mercado de trabalho. Acabei não me identificando com a área, pois a maioria das ofertas de empregos era fora de meu Estado.

Um dos meus projetos era cursar uma graduação. Em 2012 prestei o vestibular para pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que mudou sua nomenclatura para Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), aprovei na primeira etapa, não fiz a segunda etapa. Naquele ano prestei um concurso e consegui uma das vagas que disputei, no qual trabalho até hoje exercendo a função de vigilante.

No ano de 2013, prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), consegui uma vaga para Licenciatura em Sociologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cheguei a me matricular, mas desisti de fazer o curso antes mesmo de começar as aulas. Em 2017 fiz a prova do ENEM novamente, decidido e disposto a conseguir uma licenciatura, minha nota daria para Pedagogia na UFMA ou Licenciatura em Física no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), ambos em Imperatriz, ficou mais viável o curso de Pedagogia por causa do horário de meu trabalho,

Às vezes, temos que encarar a realidade na qual estamos inseridos, optando pelo curso que nossas condições financeiras e intelectuais podem alcançar. Dependendo da condição social em que o estudante está inserido, mesmo com

esforço para ser aprovado em determinado curso, não alcança sucesso em ser aprovado e, quando o consegue esbarra no desafio de permanecer até concluir. De acordo com o Censo da Educação Superior, o número de matrículas no ensino superior no Brasil é 44,6% maior que há dez anos, todavia 56,8% não terminaram o curso (BRASIL, 2019). Há alguns fatores que contribuem para isso e um deles é a renda do discente.

No entanto estou contente em poder cursar pedagogia, visto que o mesmo abrange muitas áreas do conhecimento: psicologia, sociologia, história da educação, didática, ludicidade, fundamentos do ensino, dentre outras. E, esses conhecimentos nos dão base para iniciar a docência, a direção, a coordenação, a supervisão de uma instituição escolar, dentre outras possibilidades de atuação. O pedagogo está sempre em processo de ensino e aprendizagem, é uma profissão dinâmica, não estática, como pontua Paulo Freire: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (Freire, 1996 p. 25). Agora, trataremos de apresentar nuances do estágio dessa formação em pedagogia no próximo capítulo.

3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo faço um breve relato histórico sobre o reconhecimento da criança como sujeito em desenvolvimento. Discorro sobre o Estágio em Educação Infantil como primeira experiência na prática docente em uma escola, comento sobre duas disciplinas do curso que contribuíram para o meu entendimento do universo infantil, destaco a importância do espaço escolar adequado à faixa etária, demonstro que a convivência da criança no espaço escolar contribui com o aprendizado para a convivência em sociedade.

Em seguida, observo o comportamento das crianças; faço menção de meu acolhimento pelas professoras das turmas onde estagiei e do meu contato com crianças PCD e com o Transtorno do Déficit de Atenção com Imperatividade (TDAH). Comento a forma de planejamento das aulas juntamente com as dificuldades na intervenção no estágio. Ressalto minha parceria com as professoras, minha participação juntamente com as crianças de uma das turmas na Semana do Brincar e a ampliação de meus conhecimentos pedagógicos neste estágio.

3.2 A realidade unindo teoria e prática no aprendizado da docência

O Estágio em Educação Infantil foi a primeira oportunidade de prática docente presencial no curso; para mim, mais do que alguns dias de observação e intervenção, significou uma experiência para o exercício da docência, a qual trouxe aprendizados valiosos que, aliados a outros no decorrer do curso, darão suporte quando eu ingressar na profissão.

Um pouco antes de começar o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, cursei as disciplinas Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil e Corporeidade e Educação com a mesma professora que foi a supervisora do Estágio em Educação Infantil. O estudo dessas disciplinas teve uma importância muito grande na minha compreensão sobre a criança, nessa fase de seu desenvolvimento.

Em Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, conheci os Campos de Experiências: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. São eles que definem os objetivos de

aprendizagens e desenvolvimento considerando as particularidades de cada idade que compõe a Educação Infantil, organizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na Educação Infantil, segundo a BNCC (BRASIL, 2018) os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e brincadeiras. A criança aprende brincando e ao mesmo tempo vai exercitando a mente e o corpo. Vai discernindo o alto do baixo, o grande do pequeno, a direita da esquerda, as cores, as texturas, os sabores, os nomes e, muitos outros aprendizados. No campo das interações, podemos dizer que seja o começo da vivência social, onde ela interage com os colegas, com o professor e demais entes que compõem o espaço escolar.

Eu gostei muito da disciplina de Corporeidade e Educação, principalmente na parte que aborda a motricidade. Achei interessante aprender que o desenvolvimento motor da criança contribui para sua aprendizagem. Vejamos o conceito de motricidade de acordo com Kolyniak Filho:

(...) refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no espaço-tempo objetivo e representado, envolvendo percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio. Evidencia-se em diferentes formas de expressão – gestual, verbal, ciência, plástica, etc. (Kolyniak Filho, 2002 p.31)

O papel da motricidade na infância é muito importante, porque a criança aprende a acertar com erros, quando através de tentativas ela aprende a completar uma tarefa motora memorizando estratégias desse percurso.

A motricidade faz parte de um conjunto de atividades que a criança deve desenvolver, o qual envolve a percepção visual e sensorial, o equilíbrio, a lateralidade, o tônus muscular e o controle emocional.

A criança inserida no processo de aprendizagem precisa da interação com pessoas, com o ambiente e o espaço a sua volta em que ela vai se conectando continuamente e avançando nas fases do aprendizado, uma vez que “as crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais” (BRASIL, 2017 p. 40).

É sempre boa a observação do professor aos progressos da criança dentro da faixa etária que ela se encontra e os aprendizados esperados dela, pois quando

se detecta déficits no ritmo ou continuação no comportamento motor, pode ser sinal de transtornos de desenvolvimento de aprendizagens (TDA), os quais, quanto mais cedo se fizer intervenção de maneira correta, melhor será o processo de inclusão e adaptação aos aprendizados e desenvolvimento. De acordo com SAMPAIO e FREITAS (2011), o professor tem um papel fundamental no diagnóstico do TDAH, geralmente é ele que primeiro detecta os sinais:

O papel do professor é de suma importância, no sentido de estabelecer a parceria com a família e de focar apenas nos sintomas e na necessidade de investigar para descartar ou confirmar hipóteses e favorecer a aprendizagem da criança. (Sampaio; Freitas, 2011, p. 141)

Entendo que a Educação Infantil sendo a porta de entrada da educação formal da criança, deve ter seu espaço físico organizado e adequado à estatura da criança, no que se refere os móveis e objetos utilizados por ela. O ambiente deve ser composto por paredes e brinquedos, com cores vivas que chamem a atenção e aguce a curiosidade dela. E foi isso que encontrei na EMEI. Segundo Evangelista (2016, p. 9) declara que as crianças “anseiam por um espaço mais colorido, onde possam brincar, movimentar-se, ser mais livres, onde suas individualidades sejam respeitadas, possam fazer amizades e ter contato com a natureza”.

Quanto ao quadro de pessoal, eles são preparados com formação adequada para receber e lidar com as crianças, oferecendo um ambiente acolhedor e um ensino de qualidade baseado nos documentos norteadores da legislação vigente.

O espaço escolar é também um ambiente que prepara os pequenos para um bom convívio em família e na sociedade. Essa preparação é desenvolvida na escola, convivendo com outras crianças de mesma faixa etária, participando de atividades mediadas pelo professor. Além disso, elas vão aprendendo a se conhecer, a conhecer o outro e alargar a sua visão de mundo.

Observei que quando os alunos possuem uma rotina, eles se adaptam e quando, por exemplo, nós estagiários, fazemos diferentes do que eles foram ensinados, eles próprios nos corrigem, porque eles aprendem a cronologia das atividades. Por isso, devemos ter em mente que o que os aprendizados que pomos em prática com as crianças serão processados por elas, isto é, o que ensinamos será aprendido e praticado. Isso não significa que instituímos uma rotina estabelecemos dentro delas atividades repetitivas, mas, dinâmica:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (Barbosa, 2006, p. 201).

O Estágio em Educação Infantil deu-me a oportunidade de conhecer uma escola de educação infantil atual, pois, a escola que eu iniciei os estudos não tinha os mobiliários adaptados como essa do Estágio. Beltrame e Moura (2009) afirmam que a formação do ser humano requer um espaço escolar que estabeleça uma relação dinâmica entre o usuário e o ambiente onde espaço físico se conecte com as atividades pedagógicas. Nesse sentido, reconhecendo a criança como principal usuário desse ambiente educacional, estabelece-se a necessidade de identificar fatores que compõem esses ambientes físicos e que ofereçam condições compatíveis com o bem-estar da criança dentro dos espaços escolares.

O Estágio em Educação Infantil começa com a observação. Nesse momento, eu e minha colega de dupla, juntamente com outras colegas que iniciaram o estágio junto conosco, fomos apresentados pela supervisora à estrutura do prédio e aos departamentos que o compõe. Ela também falou do quadro de funcionários que escola possui e suas respectivas funções.

A escola onde fiz esse estágio é pública, bem localizada, está no centro de Imperatriz-MA, boa parte do quintal é cimentada, uma pequena parte propositalmente ainda é de chão para cultivo de algumas bananeiras, ervas e plantas ornamentais. Na parte cimentada tem algumas mangueiras que dão sombra, praticamente o ano todo, dando proteção dos raios solares e amenizando a sensação térmica do local, pois a região é uma das mais quentes do país.

No quintal onde se encontram as mangueiras, são desenvolvidas algumas atividades e brincadeiras, sempre organizadas e cada turma tem o seu dia para elaborar esse evento. E, para que fosse mais bem organizado optou-se por a participação de uma das turmas nas quais estávamos estagiando por dia. Já no pátio aberto e coberto que liga as salas de aulas aos demais departamentos da escola são realizados atividades como: mostra cultural, eventos de datas comemorativas e serve de espaço para a movimentação das crianças e organização

em filas para voltarem às salas após o lanche. É também onde elas aguardam sentadas no chão limpo e higienizado a chegada dos pais ou responsáveis na saída.

Observei que toda essa estrutura e organização da escola facilitam o seu bom funcionamento e o desenvolvimento das aulas e atividades nas salas e fora dela. Concordo que ainda não seja o ideal, pois constatei que as duas professoras compram com seu próprio dinheiro alguns materiais para as crianças brincarem e/ou manipularem e material para confeccionar cartazes: massa de modelar, lego e outros.

Durante a observação e as aulas notei que as crianças quando seguem uma rotina, memorizam o passo-a-passo das atividades. Quando terminava a acolhida, iniciávamos as outras atividades que deviam ser na ordem que elas estavam acostumadas; quando não seguíamos a ordem, logo elas falavam e até exigiam que fizéssemos como de costume.

A dinâmica da escola na elaboração dos planos de aula é semanal e distribuída pelas professoras, de modo que duas delas ficam responsáveis pela elaboração e entrega à coordenação na quarta-feira anterior às aulas.

4.1 Relatos e percepções das atividades desenvolvidas

A escola onde o estágio foi realizado fica no centro da cidade de Imperatriz – MA, atende crianças do centro e bairros adjacentes de idade de 4 e 5 anos que estudam as séries pré-escola I e pré-escola II. A supervisora do estágio solicitou que estagiássemos em duas turmas: na pré-escola I e na pré-escola II, para notarmos as diferenças entre elas. Porém, a diretora da escola se adiantou e combinou com duas professoras de turmas de pré-escola II. Então, ficou dessa forma.

Além de a escola ser bem localizada, a parte da estrutura de móveis, como: as cadeiras e mesas das salas e do refeitório, os vasos sanitários e as pias dos banheiros são todos adaptados à faixa etária das crianças. Com exceção da criança que é Pessoa Com Deficiência (PCD) da turma da tarde, que tinha que ser acompanhada e ajudada pela cuidadora, as outras crianças possuíam autonomia para utilizarem o banheiro.

Esses objetos adaptados fez-me lembrar de meu tempo na pré-escola, na década de 1980, em que os móveis e objetos do banheiro, não eram adaptados. Não tinham um refeitório com cadeiras e mesas adaptadas, só um pátio coberto e a calçada à nossa disposição, salvo quando tinha alguma cadeira com defeito que ficava fora das salas e as usávamos para comermos assentados.

Eu alegro-me em saber que ao passar dos anos, muita coisa mudou para melhor na educação, especificamente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que são o campo de trabalho do docente pedagogo. Temos muito que avançar, principalmente no uso dos recursos públicos destinados à educação, mas, já temos avanços como os supracitados. De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação LDB (Lei nº 9394, 1996):

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p. 11).

Considerando que de acordo com a Constituição Federal a educação infantil é direito da criança, dever do Estado, da família com o apoio da sociedade; a educação escolar é atributo primeiro do professor da Educação Infantil que vai lidar com os pequenos de forma sistemática preparando-os nestes aspectos supracitados a estarem aptos para serem alfabetizados na fase escolar seguinte. Durante as intervenções, procurei repassar os conteúdos de forma que os aprendizados pudessem refletir na convivência das crianças em família e na sociedade.

Eu e minha colega morávamos em outras cidades, por isso, concordamos em fazer o estágio de manhã e à tarde, alguns dias na semana, para viajarmos menos vezes, economizando tempo e dinheiro. No intervalo das 11h30min às 13h30min, ou seja, o término das aulas da turma da manhã e o início das aulas da tarde, íamos almoçar, juntamente com alguns colegas que também estavam estagiando. Em nossas conversas, compartilhávamos informações como onde tinha comida mais barata e qual horário de atendimento do estabelecimento.

Início o Estágio de Educação Infantil. Nas duas turmas em que estagiamos, as professoras nos apresentaram às crianças e, pediu para elas nos dá as boas vindas, o que elas prontamente o fizeram. As professoras se disponibilizaram a

darem as informações necessárias e contribuírem com seus saberes e experiências ajudando-nos nesta fase de nossa formação acadêmica.

Logo nos primeiros momentos em sala de aula, percebi que as crianças estavam bastante agitadas; segundo as professoras, era devido o confinamento da Pandemia. Afinal, já tinha se passando quase dois anos e boa parte delas estavam apenas há alguns meses na EMEI. A energia estava acumulada e consequentemente a sensação de liberdade e as fases educacionais perdidas durante aquele período, contribuíram para esse atual comportamento.

De forma geral, as professoras que nos acolheram em suas turmas, eram dedicadas, atenciosas e preocupadas em desempenhar suas funções, objetivando cumprir bem os seus deveres. Contudo, não era tarefa fácil, na sala com mais de vinte alunos; na turma da tarde havia uma criança PCD acompanhada por uma cuidadora; a turma da manhã com duas crianças atípicas sem cuidador porque não tinham laudo comprobatório.

As duas turmas possuíam um grupo de whatsapp, cada. Isso facilitava a comunicação com os pais e responsáveis quando tinha necessidade. Por exemplo: às vezes, as crianças atípicas ficavam muito agitadas, chorando e dizendo que queriam ir para sua casa; quando não se conseguia contornar a situação, era preciso entrar em contato com o responsável.

A minha experiência nesse estagio foi enriquecedora no contato com as crianças. Quando incentivadas, elas avançam muito no aprendizado. Eu incentivava quando elas diziam que não conseguiam fazer as tarefas: desenhar, pintar, colar, escrever o nome, por exemplo. Eu dizia a elas: o seu colega também não sabia fazer e aprendeu, você também vai conseguir.

Outra estratégia que eu usava era pedir ao colega que já tinha concluído a tarefa ajudar o que tinha dificuldade. Então, através de minha orientação e ajuda do colega aprendiam a fazer a tarefa, se alegrando muito quando concluíam, recebendo elogio pelo seu desempenho. De acordo com Nogueira (2001, p. 10)

Representando a ZDP a diferença entre o que o aprendiz pode fazer individualmente e aquilo que é capaz de fazer com a ajuda de pessoas mais experimentadas, como outros aprendizes “especialistas” na matéria, ou o instrutor, esta formulação de Vygotsky reforça, simultaneamente, a

importância do princípio de prontidão, que implica a necessidade do aprendiz ter alcançado um determinado estado de aptidão para aprender determinado material cognitivo.

Observei no estágio que é preciso ter jogo de cintura para exercer a mediação no aprendizado de várias crianças que ao mesmo tempo pede ajuda para completar a tarefa. Aprendi que, antes de pedir para as crianças fazerem uma atividade é preciso explicar o que é a atividade e o passo a passo para resolvê-la, depois acompanhar o desempenho de cada uma delas.

Pude perceber a dificuldade das professoras em lidar com uma sala com mais de vinte alunos, muitas vezes, sozinha. Verifiquei crianças com TDAH sem cuidador na sala de aula, o que dificulta o trabalho do professor. Com isso, constatei essas dificuldades são obstáculos a serem vencidos para uma melhor qualidade da Educação. De acordo com o Art. 3º da Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015 que fala sobre as atribuições do ajudante de sala:

XIII – profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividade de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados, com profissões legalmente estabelecidas”. (BRASIL, 2015)

Esses casos específicos que presenciei eram devido à falta do laudo comprobatório da deficiência de uma criança que inclusive vivia em um abrigo municipal. De outra criança, quem fazia o papel de cuidador era uma professora que estava em processo de aposentadoria e não estava na sala todos os dias de aula.

Em relação ao planejamento das aulas, observei que as professoras o fazem previamente se precavendo de materiais a serem utilizados. Quando ocorria algum imprevisto que inviabilizava a execução de alguma atividade, elas sempre tinham uma atividade extra, relacionada ao tema da aula para desenvolver. Eu quero seguir esse exemplo quando eu estiver exercendo a profissão. Lembrei-me de uma professora, da UFMA, que afirmou achar um absurdo professor deixar de dá aula porque esqueceu material em casa. Disse que o professor deve arrumar outra forma de passar o conteúdo à turma.

O plano de aula consiste na especificação e na operacionalização do trabalho docente cotidiano. Ele traduz a ação concreta, efetuada em sala de aula na materialização do conteúdo disciplinar no curso do processo do ensino e da aprendizagem na construção do saber. Uma ação que se compreende de modo mais adequado a partir dos elementos que o constituem. (Oliveira; 2011, p. 122).

Acredito que um professor sem o plano de aula do dia tenha dificuldade para desempenhar bem seu papel. Pois, o mesmo constitui-se em instrumento pedagógico de planejamento do professor para sua prática e como elemento integrante da atividade pedagógica tem sua importância na preparação e execução das aulas (OLIVEIRA, 2011)

Durante o tempo de intervenção, confesso que tive dificuldades de manter a ordem na sala no início em relação a manter as crianças na sala. Elas começaram a pedir para sair, umas mais espertas pediam algumas vezes para ir ao banheiro, para encher a garrafinha de água; e repetiam. No começo, pensei: se eu não deixar, a criança pode fazer xixi na sala, ou falar que ficou com sede porque o tio não deixou-me buscar água. De acordo com Almeida e Pimenta (2015, p. 356) os acadêmicos de licenciaturas: “Desconhecem os nexos entre ensino, escola, trabalho docente e produção existencial e material dos sujeitos e da sociedade em que vivem”. Ou seja, são inexperientes na função. Depois, a gente vai conversando, combinando e tendo um controle sobre essas situações.

Talvez, porque na observação colaborávamos com a professora ajudando os alunos nas dificuldades que tinham de completar as tarefas, eles podem ter concluído que estávamos ali somente para auxiliá-los e não para também ter autoridade sobre elas. Acredito que por causa disso, as crianças se sentiam mais a vontade para não obedecerem quando pedíamos silêncio e a atenção delas. Por isso, algumas vezes, era preciso a professora falar sério com a turma para elas se comportarem.

A turma da manhã tinha uma rotina bem definida: começava com a acolhida à medida que as crianças iam chegando, já era entregue o material que geralmente era massa de modelar, lego ou desenho livre. Depois da acolhida era feita uma oração, onde se recitava as palavras e as crianças repetiam. Em seguida, cantavam uma musiquinha religiosa. Continuava com outra atividade que poderia ser: contar

uma história, seguida de socialização: pintura; recorte; desenho; colagem. Ou até mesmo uma atividade fora da sala de aula. Intervalo para o lanche. Momento de descanso. Outra atividade até chegar o horário de término da aula.

Achei bem didático o cenário da sala de aula dessa turma, que continha cartazes bem confeccionados, coloridos, com o alfabeto e os algarismos de 0 a 9; um calendário onde se marcava o nome do mês, o dia da semana e o número que representava o dia do mês. Tinha outro cartaz de e.v.a. que representava o tempo: ensolarado, chuvoso, nublado; ainda tinha outro cartaz com bolsos grandes e em cada bolso o nome completo da criança. Todos esses objetos eram usados como recurso didático pela professora da manhã como rotina. Conforme Forneiro (1998, p. 239): “A decoração da sala de aula pode educar a sensibilidade estética da criança e transformar-se em conteúdo de aprendizagem”.

Na observação da turma da tarde, vimos que a acolhida é igual à da turma da manhã. Como os planos de aula são os mesmos, geralmente as aulas são parecidas, porém cada professor tem seu estilo próprio de ensinar. A professora da tarde deixava as crianças mais à vontade na realização das tarefas e brincadeiras, isso resultava em muita gritaria. Ela, às vezes, pedia para as crianças falarem mais baixo, mas logo elas voltavam a gritar e algumas provocavam os colegas.

Mesmo assim, a professora procurava cumprir os horários das rotinas. Na hora de levar as crianças para o lanche, era a turma mais desorganizada do horário, porque as crianças tinham que formar fila, e ela não as controlavam. Umas iam à frente usar o banheiro, saindo da fila, outras não ficavam na fila na hora de voltar para a sala. Gritavam, provocavam os coleguinhas. Era uma turma muito difícil de lidar. Por isso, foi a turma que nos deu mais trabalho na intervenção.

Na intervenção, eu e minha colega, procuramos manter a rotina das crianças, tanto na acolhida, como nas marcações no calendário do dia da semana e do mês, como também, na marcação no cartaz do tempo, que funcionava da seguinte forma: levava os alunos para fora da sala, pedia para eles olharem para o céu e descreverem como estava o tempo. Então, colocava a opção que se encaixava com o clima atual.

Notei que, apesar da preparação das aulas e organização dos materiais didáticos previamente, havia déficits na execução da docência. Houve situações em que as crianças diziam que não conseguiam fazer algo, não recebiam incentivo ou ajuda para concluir. A professora fazia poucas intervenções durante o processo. No caso dos alunos atípicos, não se tinha o cuidado de ensinar a eles o passo-a-passo.

Eu, juntamente com minha colega, procuramos dar bastante atenção às dificuldades das crianças em realizar as tarefas. Algumas crianças diziam que não conseguiam e não queriam nem tentar, mas quando incentivadas e vendo que os colegas faziam, elas completavam as atividades. Outra forma que resolviam o impasse, era quando víamos que uma criança concluía sua tarefa em tempo hábil, pedíamos que ajudasse o coleguinha que estava com dificuldade.

Durante o estágio aconteceu a Semana do Brincar, um evento organizado pela supervisora do estágio e sua equipe, todos os anos. A escola que eu estagiei fica próxima à UFMA, então foi combinado um dia para levarmos as crianças para participarem. “O fundamento principal dessa ação de extensão assenta-se na promoção do brincar livre e proporcionar experiências enriquecedoras para as crianças, explorando diferentes formas de expressão e interação”. Sousa; Moreira; Moura; (2023, p. 2).

As crianças se divertiram muito. Havia três salas preparadas e parte do pátio da Universidade: uma de músicas infantis, onde tinham acadêmicos caracterizados, eles nos recepcionaram, explicaram que as crianças deviam prestar atenção deles e fazer a mesma coreografia que eles. Eu participei da dança e coreografia com eles e constatei que, através da música e das coreografias, podemos ensinar as crianças e elas aprendem através dos gestos e movimentos os nomes das partes do corpo e sua funcionalidade, por exemplo.

A segunda era sala da pintura. Nela, os voluntários davam um papel com um desenho e pequenos recipientes com tintas coloridas para as crianças pintá-lo com as próprias mãos. Nós, os estagiários, éramos responsáveis por perguntar a cor que a criança queria e, orientarmos caso ela não soubesse o nome da cor. Nessa atividade percebi que a alegria das crianças era de, além de contemplarem várias

cores, poderem tocá-las e colorirem como elas gostariam que fosse, uma criação particular delas.

A terceira sala era a da leitura. Os colegas, vestidos a caráter, abriam o livro e começavam a contar a história, bem pausada em tom de voz que a criança compreendesse. De vez em quando interrompia a leitura propositalmente para que as crianças completassem a narração; faziam perguntas e dava explicação sobre a história ao final da contação. Foi um momento de aprendizado para mim, em ver as crianças prestando atenção interrompendo a explicação para tirarem dúvidas e até mesmo darem opinião.

A atividade do pátio aconteceu com brinquedos que exercitava o raciocínio e a coordenação motora das crianças com a orientação de acadêmicos e supervisão do estagiário. Após todas essas atividades divertidas e instrutivas tinha um delicioso lanche no pátio nos esperando. Terminando de lanche, voltamos à EMEI onde fizemos uma socialização, onde as crianças comentaram que gostaram muito e perguntaram quando ia acontecer novamente.

Essas atividades da 'Semana do brincar' que as crianças participaram contaram muito no aprendizado delas, pois puderam aprender em cada atividade, observando o outro e criando seu modo de portar-se e interagir com o outro e na sociedade. Referente a isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma:

... a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BNCC, 2018 p. 42).

Eu não tinha participado do evento em edições anteriores. Surpreendi-me com a organização e realização de cada atividade dele. Parece que se descortinou a teoria dos documentos norteadores da Educação Infantil. Em cada brincadeira, interação, leitura, dança, coreografia, ficou marcado para mim que a criança aprende de forma lúdica; ela tem sua forma própria de conceber a realidade e isso deve ser respeitado.

O Estágio em Educação Infantil proporcionou a mim a ampliação de meus conhecimentos sobre a receptividade dos colaboradores da escola, especialmente as duas professoras com as quais convivi os dias de estágio. Antes de preparar o plano de aula para as crianças, precisei observá-las e conversar com elas para ver como funcionavam seus exercícios na docência, considerando que eu trazia somente a teoria relativa ao ensino presencial. E, não poderia alterar de forma brusca o modo e o conteúdo dele.

As crianças, nessa idade de cinco/seis anos tem uma afetividade natural. Quando eu chegava, elas corriam para me abraçar e me chamavam de tio. Queriam conversar, esclarecer dúvidas sobre as atividades desenvolvidas, e não relutam em corrigir algo que a gente não faz de acordo como elas aprenderam.

Quando as professoras falaram que não iríamos mais, elas ficaram tristes e queriam que permanecêssemos indo, aí dizíamos que era perto da Universidade e iríamos visita-las de vez em quando, daí, elas se acalmavam. Algumas vezes, desabafam com situações que estão vivendo e fica difícil não ser participante de suas alegrias, conquistas e decepções. Emocionei-me muito no último dia de estágio com a forma rígida como uma das professoras tratou uma aluna. Depois, a auxiliar de sala falou que a criança estava passando pela fase de separação dos pais. Essa criança, não aceitou que voltaríamos para visitá-los, nos abraçou e chorou.

Com isso, eu percebi que a orientação da BNCC (BRASIL, 2018, p. 32) onde diz que “... a concepção que se vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo”. Isso é bastante coerente, porque o docente, lida com o ser humano em formação física e psicológica. E eu, como professor devo estar preparado para orientar o educando, aconselhar, encorajar, ajudando a superar os desafios que enfrenta na conquista constante da aprendizagem que continuará nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que relataremos em seguida.

4 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ANOS INICIAIS: DESAFIOS E VIVÊNCIAS EXPERIMENTADAS

Começo esse estágio apresentando as áreas de trabalho do pedagogo. Em seguida demonstro o predomínio feminino na docência da Educação Básica. Recordo a boa recepção que tive na escola por parte dos funcionários e alunos. Comento algumas aulas regidas por mim em algumas disciplinas, nas quais superei dificuldades e obtive aprendizados. Destaco o carinho das crianças e, finalizo narrando e refletindo sobre minha experiência de estagiar numa sala que possuía um aluno portador do TOD.

O Estágio em Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi uma experiência diferenciada de minha formação, pois nele houve desafios e vivências que despertaram o desejo de exercer a profissão de fato.

A pedagogia tem algumas possibilidades de ser exercida: na gestão escolar, em empresas, pedagogo hospitalar e a maior parte em sala de aula. Por ser uma profissão de maioria feminina, que se formou historicamente, devido a consideração que a mulher tem mais jeito de lidar com as crianças por causa da maternidade, isso foi se constituindo historicamente e perdura até os dias atuais, como mostra dados do Censo Escolar realizado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) em 2022:

Na educação infantil, etapa em que se inicia a trajetória escolar regular, elas são praticamente a totalidade de quem educa: 97,2%, nas creches e 94,2%, na pré-escola. No ensino fundamental, as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docentes. E no médio, elas representam 57,5% do total de 545.974 em todo o país. (BRASIL, 2023).

Esses dados confirmam o que eu observei tanto na EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), quanto na escola do Estágio em Anos Iniciais. Na EMEI, havia somente o porteiro do sexo masculino, na outra escola o porteiro e um professor do 5º ano.

No entanto, fui muito bem recebido em ambas as escolas e muito bem tratado também, tanto pela direção, coordenação, professores e demais funcionários das escolas. Fiz a observação e regência em dois 2º ano, um pela manhã e outro à tarde, para aproveitar tempo e economizar dinheiro, pois moro em outra cidade. Nessas turmas foi onde me identifiquei mais como professor, as crianças já têm mais

autonomia. Nessa série as crianças devem aprender a “Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva.”. (BRASIL, 2017, p. 97)

Como foi feito na Educação Infantil em relação aos planos de aula, eu combinei com as duas professoras de seguir seus planos de aula acrescentando minha metodologia de acordo com a BNCC.

Nas aulas eu tive dificuldade quando as crianças começavam a conversar alto, e quando alguns deixavam de fazer as atividades e ficavam conversando com o colega. Tinha alguns que estavam mais atrasados na escrita e era preciso acompanhar e orientar individualmente. Nessas situações as professoras me ajudavam pedindo silêncio e atenção delas.

Surpreendi-me com três crianças que fizeram um desenho de mim e escreveram frases, sem ninguém mandar, nem fazia parte de alguma atividade, desenhos os quais eu guardo com muito carinho. É gratificante ser reconhecido pelo que a gente faz e representa para eles e procurei retribuir esforçando-me para ajudá-los em sua alfabetização e letramento.

Uma das aulas que eu dei de matemática teve o tema: adicionando quantidades iguais, onde trabalhei soma e introduzi a multiplicação, explicando que a multiplicação é a soma de quantidades iguais. Alguns alunos tiveram dificuldades de assimilar, outros aprenderam logo a calcular.

Tornou-se para mim, recompensador ver os que aprenderam com facilidade e desafiador procurar novos meios de explicar para os que tinham dificuldades de compreender, procurando sempre conversar para entender como era o processo que cada um fazia para chegar ao resultado.

Outra aula que foi marcante, a de Arte, onde eu apresentei às crianças o pintor Romero Brito fazendo um breve relato de quem ele é. Mostrei a figura impressa de um quadro colorido dele (pois ele utiliza cores fortes em suas pinturas) levei a obra “Gardem” em preto e branco para as crianças pintarem e identificarem os desenhos contidos nela.

As crianças gostaram desse tipo de atividade que aguçou a curiosidade delas e lhes desafiou a encontrar algo que não está explícito, usaram o imaginário delas

para descrever os elementos que elas conseguiram encontrar na obra. Eu dei a aula, mas, aprendi também com as descobertas e comentários que as crianças fizeram sobre os desenhos que elas encontraram.

Mas, sem dúvida, o que me marcou mais nesse Estágio foi ter contato com um menino de uma das turmas com TOD (Transtorno Opositor Desafiador). Ele desrespeitava e desafiava sua cuidadora, bem como a professora e não as obedecia. Falava muito alto, não fazia suas tarefas apesar da insistência de sua cuidadora, era uma situação difícil de lidar.

Além disso, a criança citada implicava com alguns colegas, às vezes pulava a janela do fundo da sala que dá ao pátio, ficava insistindo com a cuidadora quando ela não fazia as vontades dele e raramente concluía alguma atividade escolar. O portador dessa patologia apresenta esses sintomas. Segundo Cárceres; Santos (2018, p. 3):

Os sintomas do TOD incluem frequentes discussões com adultos, recusa em seguir regras ou pedidos, dificuldade em aceitar responsabilidades, irritabilidade, raiva e ressentimento. Esses comportamentos podem ser extremamente desafiadores para pais, professores e outras figuras de autoridade, e podem afetar a vida da criança em casa, na escola e nas relações interpessoais em geral.

Ele quase sempre discordava e discutia com a cuidadora, às vezes ela tinha que pegar ele pelo braço e levar para a coordenadora conversar com ele. Quando ela não conseguia, ela chamava a cuidadora que tinha mais argumentos e o convencia em dar uma volta no pátio ou mesmo ir até a sala da direção com ela.

Era uma situação que atingia as outras crianças e os demais da sala e da escola, porém eu vejo que era uma oportunidade de aprendermos a conviver com as diferenças, mesmo nessa situação e, como todo transtorno, as regras para tratamento tem que serem combinadas com pais ou responsáveis, professores e cuidadores para surtir efeito. Dessa forma a criança vai aprendendo a respeitar as regra e parar de contra argumentar.

Quando me deparei com esse caso, pesquisei o que deveria ser feito, e encontrei os sintomas e o tratamento. E, descobri conversando com a professora e a cuidadora, que elas fizeram o mesmo. Elas procuraram seguir o protocolo para

buscar a melhor maneira de enfrentar o transtorno dessa criança. De acordo com Nascimento et. al. (2010, p. 4):

[...] o trabalho do pedagogo se torna cada vez mais complexo, pois, quando se trabalha com o ser humano, é impossível não enfatizar a abrangência existente, visto que o sujeito deve ser prioridade em trabalhos pedagógicos que visam, de forma direta, à formação humana, considerando, assim, o ser humano em seus diferentes aspectos e particularidades. Ou seja, quando se trata da atuação do pedagogo, desafios sempre irão existir, pois, como foi dito, o homem é composto de múltiplas determinações, de variados aspectos que não devem ser deixados de lado e que influenciam e determinam consideravelmente os processos pedagógicos.

Deste modo, nós, como pedagogos em formação ou mesmo após a conclusão do curso, podemos nos deparar com situações que fogem do nosso controle e precisamos buscar o conhecimento para lidarmos com as mais diversas situações, especialmente, crianças com transtornos diversos. Isso se dá devido à complexidade do ser humano, sendo nosso trabalho lidar com seus mais variados aspectos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de discorrer sobre a minha trajetória escolar adentrando no curso superior, relatando e refletindo nas experiências vividas nesses períodos, foi desafiadora, pois, esse gênero textual como os outros requerem embasamento teórico. Daí, a necessidade de leitura, pesquisa, orientação para que o texto fosse o mais fiel possível do exigido pela instituição. Foram meses de trabalho e preparação que resultaram em relatos onde procurei ser fiel ao modo como ocorreram os fatos.

O objetivo das narrações, reflexões e críticas da educação básica foi buscar elementos nesse período que foram experimentos, ainda que pequenos, da prática docente. E foram encontrados, apresentados e refletidos de acordo com a bagagem educacional adquirida até o momento. As duas pequenas experiências na docência ainda cursando os anos iniciais do Ensino Fundamental, destacam-se nas vivências de minha formação no início, como uma oportunidade perdida, que somente muitos anos após, foi retomada.

O Estágio em Educação Infantil descortinou um ambiente adaptado para a criança que eu contemplei pela primeira vez. Foi novidade também o contato com elas nesta faixa etária, como professor. Uma oportunidade de ver as crianças na escola com outros olhos, diferente de décadas atrás que foi o meu último contato com o ambiente escolar com crianças. Contemplei que elas aprendem com interações e brincadeiras, com a forma lúdica de ensiná-las. São sujeitos de direitos os quais não devem ser-lhes negados. No Estágio em Anos Iniciais, se sobressai a preparação e regência das aulas, o carinho das crianças me entregando cartinhas com minha caricatura e o contato com uma criança com TOD (Transtorno Opositor Desafiador).

Recordar a minha história escolar nos fatos narrados neste memorial foi uma viagem por momentos que guardo com muito apreço na memória. Eles resgatam quem eu fui e constitui quem eu sou, pois serviram de alicerce e matéria prima para a construção de minha identidade. As observações do funcionamento das escolas, suas particularidades, o acolhimento dos funcionários, o carinho das crianças e as regências das aulas, superaram os desafios enfrentados nesses estágios, transformando-se em uma experiência que levo para a profissão e a vida.

O meu entendimento da docência antes de iniciar o curso era resultado de duas pequenas experiências ainda adolescente e como aluno observando o modo que meus professores exerciam a profissão. O meu entendimento foi ampliado quando iniciei a graduação. O acesso a leis que regem a educação, a autores que se dedicam aos mais variados assuntos relacionados ao tema, juntamente com o ensino e a experiência de meus professores da Universidade, ampliaram e reformularam meus conhecimentos pedagógicos. Somem-se a isso os aprendizados práticos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e dos estágios. Antes, eu concebia a docência de forma mais estática, ou seja, você aprende o conteúdo e repassa aos alunos. Agora, entendo que o ensino deve ser mediado de forma dinâmica e participativa dos alunos e respeitado o contexto histórico, social e cultural em que estão inseridos.

6 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memórias de formação: a (re) significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagogia em formação**. Educação. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio-ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8708/6353>. Acesso em: 18/08/2024.

ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios Supervisionados na Formação Docente**. São Paulo. Cortez. 2015.

BARBOSA, Maria C. S. **A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade**, Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p. 56-69, Jan/Jun2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/157283225/A-rotina-nas-pedagogias-da-educacao-infantil>. Acesso em: 18/08/2024.

BELTRAME, Mauria Bontorin; MOURA, Graziella Ribeiro Soares. **Edificações escolares: infra-estrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem escolar**. Travessias, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3378/2663>. Acesso em: 18/08/2024.

BRASIL, Lei nº 13.146, 6 de Julho de 2015. **Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência**, Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3378/2663>. Acesso em: 18/08/2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei 2848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas**. Brasília: Inep/MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf. Acesso em: 27/07/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Professoras são 79% da docência de educação básica no Brasil**. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil#:~:text=O%20ensino%20b%C3%A1sico%20brasileiro%2C%20em,79%2C2%25\)%20s%C3%A3o%20professoras](https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/professoras-sao-79-da-docencia-de-educacao-basica-no-brasil#:~:text=O%20ensino%20b%C3%A1sico%20brasileiro%2C%20em,79%2C2%25)%20s%C3%A3o%20professoras). Acesso em: 18/08/2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília. 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. Brasília: MEC, 2023

CÁRCERES, Nilcéia Gonçalves; SANTOS, Natanael Gomes dos. **Conhecendo o Transtorno Opositor Desafiador – TOD – e Estabelecendo Relações de Aprendizagem Escolar**. Revista Philologus, v. 24, n. 72. CiFEFil, set./dez. 2018. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/tod-entenda-o-que-e-o-transtorno-opositor-desafiador/&ved=2ahUKEwjF8cSft-HAxWxpZUCHXGIC88QFnoECBcQAQ&usq=AOvVaw2IVy_uoxSx90vObZLIhnpK. Acesso em: 18/08/2024.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro. WAK editora. 2017

EVANGELISTA, A. S. **Concepções e Expectativas de Crianças e de Profissionais sobre o Espaço Educacional na Educação Infantil**. 2016. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/4411a81e-99e7-4ef2-9cbd-40aa8612dc98/download>. Acesso em: 18/08/2024.

FORNEIRO, L. I. **A organização dos espaços na educação infantil**. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil/tradução** Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2013.

GÓES at al. **Plano de aula: apoio e fundamento para prática docente**. Ribeirão Preto: Escola Enfermagem Ribeirão Preto/USP, p. 4. 2015. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/ebooks/planodeaula/pdf/1Planodeaula.pdf>>Acesso em: 13/07/2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Memória e prática docente**. In Brandão, Carlos Rodrigues (org.) **As Faces da Memória**. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1996.

KOLYNIK FILHO, Carol. **Contribuições para o ensino em motricidade humana**. In: *Discorpo*, revista do Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2002, nº13, p. 27-39.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. Atlas. 2003.

NASCIMENTO, Aretha Soares. et al. **A atuação do pedagogo em espaços não escolares: desafios e possibilidades**. *Pedagogia em ação*, v. 2, n. 1, p. 1-5, fev/jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4481>. Acesso em: 18/08/2024.

NOGUEIRA, Fino Carlos. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Três Implicações Pedagógicas**. *Revista Portuguesa de Educação*. V. 14, n. 2, p. 1-20, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255670146_Vygotsky_e_a_Zona_de_Desevolvimento_Proximal_ZDP_Tres_implicacoes_pedagogicas. Acesso em: 18/08/2024.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Manoel Cipriano. **Plano de Aula: Ferramenta Pedagógica da Prática Docente**. Pergaminho. UNIPAM, (2): p. 122-129. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.147-156, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 09/08/2024.

PEDROZO, Luiz Henrique Batista de Oliveira. **O direito à educação infantil e o engatinhar da formação cidadã no Brasil**. Curitiba. Appris Ltda. 2020.

PEREIRA, et al. **Alfabetização: métodos e algumas reflexões**. Unicaldas, 2013. Disponível em: https://unicaldas.edu.br/site-novo/wp-content/uploads/2021/04/METODO_ALFABETIZACAO.pdf Acesso em: 13/07/2024.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Graf, 2005.

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana B. (Org.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

SILVA, José Evaldo da; CAVALCANTE, Paulo Roberto Nóbrega. **A influência da escolaridade da população na riqueza dos municípios brasileiros**. 04/10/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/SUCC/article/view/237118> Acesso em: 07 jul. 2024.

SOUSA, Grazielly Rego de; MOREIRA, Gustavo Gomes; MOURA, Késsia Mileny de Paulo. **Contribuição da Semana Mundial do Brincar na Formação do Pedagogo**. Fortaleza, v. 7, n. 2, jul/dez. 2023.